

## COMPORTAMENTO SEXUAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE ENFERMAGEM FRENTE ÀS IST/AIDS NO INTERIOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ana Paula Munhen de Pontes<sup>1</sup>, Marcio Martins da Costa<sup>2</sup>, Francine Furtado Justem<sup>3</sup>,  
Taymara Elisa Santos<sup>4</sup> e Tainá Freitas Chaves<sup>5</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** Descrever o comportamento sexual dos jovens universitários do curso de enfermagem. **Materiais e Métodos:** Estudo de campo, descritivo, quantitativa, realizado com 74 jovens universitários do curso de Enfermagem, de um centro universitário localizado na região sul fluminense/RJ. Aplicado questionário de caracterização socioeconômica, saberes e práticas sexuais. A análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva simples com auxílio do *software* Excel. **Resultados:** No que diz respeito ao comportamento sexual, 61 jovens (82,4%) responderam que já iniciaram atividade sexual. Sobre ter mais que um parceiro sexual ao longo da vida, 54% confirmaram tal afirmativa. Nos últimos 12 meses, 75,4% tiveram relações sexuais, e 37,7% tiveram parceiros casuais, no mesmo período. Em relação ao número de parceiros casuais nos últimos 12 meses, 11,4% afirmaram ter tido contato com mais que cinco parceiros casuais. Com relação às práticas de prevenção, 73,7% dos estudantes negligenciaram o uso do preservativo na primeira relação sexual, 62,2% referem não fazer uso em todas as relações sexuais, e 24,5% não utilizaram preservativo durante a relação sexual com parceiros casuais. **Conclusão:** Apesar dos jovens estarem inseridos em um curso de nível superior da área da saúde apresentam comportamento sexual de risco que os tornam vulneráveis às IST. Percebe-se assim o quão importante se faz esse estudo para implantação de medidas socioeducativas e ampliar a discussão no ambiente universitário.

**Palavras-chave:** Enfermagem, vulnerabilidade em saúde, Infecções Sexualmente Transmissíveis, jovens adultos, comportamento.

<sup>1</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem pelo PPGENF/UERJ. Professora Adjunta, Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação do Centro Universitário de Valença. UNIFAA. Valença/RJ

<sup>2</sup> Enfermeiro. Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pelo HCTE/UFRJ. Professor Adjunto e Coordenador do curso de Enfermagem; Pró-Reitor de Ensino à Distância do Centro Universitário de Valença. UNIFAA. Valença/RJ

<sup>3</sup> Enfermeira do Hospital Escola de Valença. Graduada no Centro Universitário de Valença. Valença/ RJ

<sup>4</sup> Enfermeira do Hospital Escola de Valença. Graduada no Centro Universitário de Valença. Valença/ RJ

<sup>5</sup> Estudante de Graduação do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Valença, 8º período. Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ. Valença/RJ

# SEXUAL BEHAVIOR OF YOUNG UNIVERSITY STUDENTS IN THE NURSING COURSE REGARDING TO IST/AIDS IN THE RIO DE JANEIRO STATE COUNTRYSIDE

## ABSTRACT

**Objective:** To describe the sexual behavior of young university students in the nursing course. **Materials and Methods:** Descriptive, quantitative field study conducted with 74 university youngsters of the Nursing course, from a university center located in the Fluminense/RJ southern region. A questionnaire on socioeconomic characterization, knowledge and sexual practices was applied. The data analysis was performed by means of simple descriptive statistics with the help of the Excel software. **Results:** As regards sexual behavior, 61 young people (82,4%) responded that have started sexual activity. About having more than one sexual partner throughout life, 54% confirmed such an affirmation. In the last 12 months, 75,4% had sexual intercourse, and 37,7% had casual partners in the same period. In relation to the number of casual partners in the last 12 months, 11,4% claimed to have contact with more than five casual partners. With regard to prevention practices, 73,7% of students neglected the use of condoms in their first sexual intercourse, 62,2% reported no use in all sexual intercourse, and 24,5% did not use condoms during sexual intercourse with casual partners. **Conclusion:** Although young people are enrolled in a higher level health course, they exhibit risky sexual behavior that makes them vulnerable to STI's. This is how important this study is to implement socio-educational measures and expand the discussion in the university environment.

**Keywords:** Nursing, Health Vulnerability, Sexually Transmitted Infections, Young Adults, Behavior.

## INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde, a juventude é um período compreendido entre os 15 e os 24 anos de idade. Período esse que ocorre a transição do jovem para o adulto, onde o jovem passa a assumir os papéis sociais dos adultos do ponto de vista familiar, da procriação, da profissão, com plenos direitos e responsabilidades. A faixa etária de 10 a 19 anos é adotada para adolescentes (BRASIL, 2010).

O jovem é normalmente atraído por novas experiências e desafios, muitas vezes carregando da adolescência a concepção equivocada de invulnerabilidade. É nessa fase também que muitos iniciam suas práticas sexuais e a descoberta do prazer, e não raro o uso do preservativo é negligenciado, o que expõe essa população ao risco de aquisição precoce de Infecção Sexualmente Transmissível (IST).

Conforme expõe Chaves (2014) embora os adolescentes tenham informações

acerca da importância do uso do preservativo, existem ainda crenças que induzem a vulnerabilidade, dentre elas, a diminuição do prazer e do desempenho ineficiente durante o ato sexual. Diante disso, a mídia, a internet, as escolas e as famílias tornam-se grandes aliados para a disseminação de informações acerca do assunto.

Na adolescência, as informações e o diálogo são ferramentas fundamentais para a aquisição de práticas sexuais seguras, ao gerar impactos positivos em saúde. No entanto, o fato de conhecer e obter informações não significa que elas serão executadas na prática. É necessário também reconhecer que os adolescentes possuem necessidades distintas de acordo com meio onde o mesmo está inserido (COSTA et al., 2013).

De acordo com Pereira (2014) os adolescentes e jovens se tornam mais vulneráveis a contrair uma IST ou até mesmo se infectar pelo vírus HIV a partir do momento que não se protegem. Vários são os hábitos de vida que prejudicam sua saúde e colocam esses jovens em risco, tais como: manter uma vida sexual com múltiplos parceiros, fazer uso de drogas lícitas e ilícitas, relações sexuais sem a devida proteção, dentre outros.

Estimativas da Organização Mundial da Saúde sinalizam que cerca de 50% das novas infecções pelo HIV estão ocorrendo na adolescência. Em todo o mundo há mais de 40 milhões de pessoas vivendo com HIV/aids. Entre esse total, aproximadamente, 30% se encontram na faixa etária de 15 a 24 anos (LUNA et al., 2012, p. 44).

Dados do Ministério da Saúde apontam que, entre os homens, nos últimos dez anos, observou-se um aumento da taxa de detecção de aids na faixa etária de 15 a 19 anos, 20 a 24 anos, 25 e 29 anos e 60 anos e mais. Destaca-se o aumento em jovens de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos: do ano de 2006 para o de 2016, a taxa quase triplicou entre o primeiro grupo e, entre os de 20 a 24 anos, a taxa mais que duplicou (BRASIL, 2017).

Entre as mulheres, verifica-se que nos últimos dez anos a taxa de detecção vem apresentando uma tendência de queda em quase todas as faixas etárias, exceto entre as de 15 a 19 anos e 60 anos e mais: nestas, foram observados aumentos de 13,9% entre as mais jovens e de 14,3% entre as de maior faixa de idade, quando comparados os anos de 2006 e 2016 (BRASIL, 2017).

Com relação ao HIV, dados divulgados através do Boletim Epidemiológico HIV/AIDS-2018, revelaram que no período de 2007 a junho de 2018, foram notificados 247.795 casos de infecção pelo HIV no Brasil. A região mais acometida foi a região Sudeste com 47,4% (117.415) dos casos. Em relação à AIDS, de 1980 a junho de 2018, foram identificados 926.742 casos no Brasil. Nesse período, mostra uma concentração nas regiões Sudeste (51,8%) e Sul(20%) do total de casos. As regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste correspondem, respectivamente, 15,8%, 6,4% e 6,1% do total de casos. Nos últimos anos, entre 2013 a 2017, a região Norte apresentou uma média de 4,4 mil casos ao ano; o Nordeste 9 mil; o Sudeste 16,1 mil; o Sul 8,2 mil; e o Centro-Oeste 2,9 mil (BRASIL, 2018).

As IST são consideradas um grande problema de saúde pública. Diante do exposto, este estudo justifica-se pela importância de reconhecer o comportamento desses jovens em suas práticas sexuais para a devida adoção de medidas que possuam impactos positivos tanto do ponto de vista epidemiológico quanto socioeducativos. Dos Anjos *et al.* (2012) ressaltam que além da escassez de conhecimentos por parte dos adolescentes e jovens, a relação de gêneros e seus comportamentos são fatores que influenciam para a disseminação de IST entre esses jovens.

A partir do exposto foi definido como objetivo descrever o comportamento sexual e as medidas de prevenção utilizadas por jovens universitários do curso de enfermagem.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de uma pesquisa de campo, exploratória, descritiva, de abordagem quantitativa. O cenário do estudo foi um Centro Universitário localizado em uma cidade da Região Sul Fluminense/RJ. Os participantes foram 74 estudantes do curso de enfermagem. Os critérios de inclusão definidos foram: jovens universitários na faixa etária de 18 a 24 anos, do curso de enfermagem, escolhidos aleatoriamente do 1º ao 10º período e que não possuam formação prévia de nível superior e não atue na área da saúde. A faixa etária definida considerou a definição de juventude.

Os dados foram obtidos por meio de um banco de dados previamente estabelecido formado por um questionário com 51 questões fechadas do tipo múltipla escolha e dicotômica, com as seguintes variáveis: sociodemográficas (sexo, idade,

situação conjugal, fumo e ingestão de bebidas alcoólicas) e àquelas relacionadas aos hábitos sexuais e práticas de prevenção. Para este estudo foram selecionadas 05 questões sociodemográficas e 14 questões relacionadas ao comportamento sexual.

Considerando o conteúdo das questões, a fim de evitar possível constrangimento aos participantes, o questionário foi autoaplicável. A coleta de dados ocorreu no período de agosto 2017 a fevereiro de 2018, e a consulta ao banco de dados foi realizada em agosto de 2018.

A análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva simples com auxílio do *software* Excel. Os dados foram tabelados em planilhas e posteriormente calculada a porcentagem de respostas do grupo. Os resultados foram apresentados em formas de tabela.

Em observância aos aspectos éticos e legais da resolução 466/2012, que normatiza a pesquisa com seres humanos, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, tendo sido aprovado através do parecer nº. 3.085.761. Ressalta-se que todos os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## RESULTADOS

A maioria dos participantes é do sexo feminino, 60 participantes (81%), e 14 participantes (19%) do sexo masculino. Quanto à distribuição por faixa etária 53 participantes têm idade entre 18 e 21 anos (71,6%), e 21 participantes têm entre 22 a 25 anos (28,4%).

Em relação ao estado conjugal observa-se que a maioria dos estudantes é solteira, caracterizada por 93% dos entrevistados, enquanto os casados e/ou em relacionamento estável representam 7% dos jovens que participaram do estudo. Quanto ao uso do tabaco, 1,3% não respondeu a essa pergunta, 91,9% diz não fazer uso do cigarro e 6,7% dos entrevistados são tabagistas. Já com relação à ingestão de bebidas alcoólicas, identificou-se que, 45 estudantes afirmaram fazer uso (60,8%) e 29 relataram não consumir (39,2%).

As tabelas a seguir apresentam as respostas relacionadas ao comportamento sexual e às práticas de prevenção.

**Tabela 1.** Comportamento sexual de jovens universitários. Região Sul Fluminense, RJ, 2019.

<b>Início Vida Sexual</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sim	61	82,4
Não	11	14,9
Sem resposta	2	2,7
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>100</b>
<b>Mais do que um parceiro sexual na vida</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sim	33	54
Não	17	27,8
Não quero responder	1	1,6
Sem resposta	10	16,6
<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>100</b>
<b>Relações sexuais nos últimos 12 meses</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sim	46	75,4
Não	5	8,1
Sem resposta	10	16,5
<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>100</b>
<b>Relação com parceiros casuais nos últimos 12 meses</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sim	23	37,7
Não	23	37,7
Não quero responder	4	6,6
sem resposta	11	18
<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>100</b>
<b>Mais que cinco parceiros casuais nos últimos 12 meses</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sim	7	11,4
Não	42	68,8
Não quero responder	2	3,5
Sem resposta	10	16,3
<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>100</b>

De acordo com a tabela 1, identifica-se que 61 jovens (82,4%) responderam que já iniciaram atividade sexual e 11 jovens (14,9%) responderam que ainda não tiveram iniciação sexual. Ao serem questionados sobre ter mais que um parceiro em sua vida sexual, 54% relatam já ter tido, 27,8% disseram ter apenas um parceiro, 16,3% não responderam a essa questão, 1,6% não quiseram responder.

Quando interrogados sobre a prática sexual nos últimos 12 meses, 75,4% tiveram relações, e 37,7% tiveram parceiros casuais, no mesmo período. Em relação ao fato de possuírem mais que cinco parceiros casuais nos últimos 12 meses, 68,8% não tiveram, 16,3% não responderam a essa questão, 11,4% afirmaram ter tido contato com mais que cinco parceiros casuais, 3,2% não respondeu.

Na tabela a seguir são apresentados os dados referentes às práticas de prevenção e autocuidado.

**Tabela 2.** Práticas de prevenção associadas à saúde sexual de jovens universitários. Região Sul Fluminense, RJ, 2019.

<b>Uso do preservativo na primeira relação sexual</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sim	15	24,
Não	45	73,
Sem resposta	01	0,1
<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>10</b>
<b>Uso do preservativo em todas as relações sexuais</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sim	23	37,
Não	38	62,
<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>10</b>
<b>Uso do preservativo na última relação sexual com parceiro casual</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sim	30	49,
Não	15	24,
Não quero responder	16	26,
<b>TOTAL</b>	<b>61</b>	<b>10</b>

Ao serem interrogados sobre o uso do preservativo na primeira relação sexual, 73,7% relataram não fazer uso, 24,5% afirmaram ter feito uso. No que diz respeito ao uso do preservativo em todas as relações sexuais, 62,2% relatam não terem essa prática, 37,7% utilizam o preservativo. Ao serem questionados sobre o uso de camisinha na última relação sexual com seu parceiro casual, 49,1% afirmam ter utilizado, 24,5% não fizeram uso (15 participantes) e 26,2% não responderam a essa questão.

Quando questionados sobre os motivos para não uso do preservativo 32,7% não responderam a essa questão, 16,3% disseram não usar pois confiam em seus parceiros, 14,7% usam apenas quando transam com algumas pessoas para evitar IST, 9,8% não usam pois incomoda, esse mesmo quantitativo relata o não uso pois diminui o prazer, 9,1 % não revelaram o motivo, 4,9% usam para evitar a gravidez, 1,6% refere cortar o clima, esse mesmo percentual dizem nunca ter usado.

Na tabela a seguir são apresentados os dados referentes às práticas de prevenção atreladas ao comportamento dos parceiros sexuais.

**Tabela 3.** Distribuição dos Jovens Universitários por atitude acerca do uso do preservativo relacionado ao comportamento do parceiro. Região Sul Fluminense, RJ, 2019.

<b>Se o parceiro não quer usar camisinha, você:</b>		<b>%</b>
Transaria com ele mesmo assim	2	34,4
Não aceita a relação sexual	3	54%
Realiza apenas sexo oral		6,7
Sem resposta		4,9
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100</b>
<b>A fidelidade do seu parceiro interfere no abandono do seu preservativo?</b>		<b>%</b>
Sim	2	47,5
Não	3	49,3
Sem resposta		3,2
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100</b>
<b>Se você ou seu parceiro usa outro método contraceptivo, continuam a usar camisinha?</b>		<b>%</b>
Sim	4	65,5
Não	1	31,3
Sem resposta		3,2
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100</b>

Quando interrogados sobre a atitude de não querer usar a camisinha no ato sexual por parte do parceiro, 54% rejeita a relação sexual, 34,4% transariam mesmo sem a camisinha, 6,5% realizaria apenas a prática de sexo oral, e 4,9% não responderam a essa questão. Destaca-se que 41,1% (n=25) dos entrevistados aceitaria se expor ao risco diante da resistência do parceiro em usar o preservativo.

Ao serem questionados sobre a fidelidade do parceiro interferir no abandono do preservativo, 49,1% afirmaram não abandonar mesmo diante da fidelidade, 47,5% relatam não utilizar preservativo perante a fidelidade, 3,2% não responderam a essa pergunta.

Em relação ao uso do preservativo quando o parceiro faz uso de outros métodos contraceptivos, 65,5% referiu usar mesmo nesta condição, 31,3% não faz uso do preservativo diante do fato de utilizar outro método contraceptivo na relação.



## DISCUSSÃO

Conforme observado, a maioria dos estudantes entrevistados já iniciou a vida sexual. Assim, cabe considerar a importância do uso de preservativos, pois o ato sexual desprotegido apresenta-se como uma condição que favorece o contágio de uma IST. Cabe considerar que o comportamento inadequado atrelado à imaturidade no início da vida sexual pode contribuir para um comportamento de risco.

Neste sentido se faz necessário o diálogo sobre sexo seguro e as IST que podem ser adquiridas quando o preservativo é negligenciado, com o objetivo de desenvolver no jovem a possibilidade de tomar decisões com segurança e responsabilidade, reduzindo assim vulnerabilidades.

De acordo com Fontes et al. (2018) os jovens iniciam sua vida sexual de forma cada vez mais precoce antes mesmo de adentrarem nas universidades, o que contribui para aquisição de IST, uma vez que em muitos casos são decisões imaturas, influenciadas por amigos, desprovidas de orientação. Sendo assim, é relevante que as atividades de prevenção sejam exploradas antecipadamente no ambiente familiar, nas escolas e espaços de convivências de adolescentes.

Percebe-se com a análise, o quão preocupante é o fato de que grande parte dos entrevistados (73%) não fez uso do preservativo na primeira relação sexual, ficando os mesmos expostos a uma gravidez não desejada e a contrair uma IST. Em contrapartida 24,5% deles possuem a consciência da importância do uso da camisinha.

Segundo Santos et al. (2016) os riscos que permeiam a prática da relação sexual sem proteção são muitas vezes deixados de lado pelos jovens, existem dificuldades sobre conhecimento, a forma como se usa o preservativo e, ainda, sua relevância para a prevenção de agravos na ausência de sua utilização.

Dados do Ministério da Saúde, divulgados através do Boletim Epidemiológico HIV/AIDS – 2017 revelam que nos últimos dez anos, observou-se um incremento da taxa de detecção entre homens de 15 a 19 anos, 20 a 24 anos, 25 e 29 anos, e entre as mulheres, verifica-se que nos últimos dez anos a taxa de detecção apresentou aumento na faixa etária de 15 a 19 anos (BRASIL, 2017). Considera-se, portanto, a relevância de ações preventivas focadas na intervenção deste grupo antes da primeira relação sexual.

Observa-se que grande parte dos jovens entrevistados negligenciam o uso do preservativo nas relações sexuais. Um dado muito relevante em termos de saúde, visto que o não uso da camisinha caracteriza-se como um comportamento que aumenta a probabilidade de aquisição de IST, que poderia ser evitada se o preservativo estivesse presente em todas as relações sexuais.

Segundo Oliveira et al. (2018) as condições de vulnerabilidades entre os jovens é multifatorial, e se relacionam com a falta de uso do preservativo e seu uso incorreto durante as relações, sendo elas condições socioeconômicas, a falta de comunicação, diferenças de gêneros entre outras condições.

No presente estudo identifica-se um grande percentual de estudantes que não fazem o uso de preservativo de forma regular, este número é considerado de grande relevância quando permite identificar que aproximadamente 50% dos entrevistados encontram-se nesta condição, adquirindo, portanto, comportamentos vulneráveis, se expondo a riscos e contribuindo para as estatísticas cada vez mais alarmantes de infecções entre jovens, não só de HIV, mas também de outras IST, como a sífilis.

Neste sentido, é possível inferir que o uso da camisinha não se limita apenas à informação, mas diz respeito também a percepção que o jovem possui sobre o preservativo, bem como o significado da relação afetiva, uma vez que por se tratar de jovens universitários acredita-se que os participantes do estudo possuem conhecimento sobre a função e a importância do preservativo, bem como possuem acesso.

Reis, Mel e Gir (2016, p. 48) afirmam que:

No Brasil, a política de distribuição de preservativos gratuita teve início em 1994 e é entregue para os serviços de saúde em todo o país. De acordo com o Ministério da Saúde, a distribuição desse insumo de prevenção teve um crescimento de mais de 45% entre 2010 e 2011, aumentando de 333 milhões para 493 milhões de unidades.

Destaca-se que os motivos para o não uso do preservativo são diversos, apresentando-se em evidência neste estudo a confiança no parceiro, o que torna os jovens vulneráveis a contrair alguma IST. Outro ponto a ser destacado é o uso apenas com algumas pessoas, relato preocupante quando esse cuidado deveria ser constante com todos os parceiros. Destaca-se que neste estudo a maioria dos participantes se constituem por jovens do sexo feminino.

De acordo com Pereira et al. (2014), o início da vida sexual na adolescência associado ao uso de substâncias como drogas e álcool são fatores que favorecem o aumento do índice de IST/AIDS entre os jovens. Vale ressaltar, ainda, que a praticidade de uso do método contraceptivo (pílula) e a “confiança” das mulheres nos respectivos parceiros, levam as mesmas a descontinuar o uso de preservativo, deixando-as mais vulneráveis a IST (PIMENTEL *et al*, 2016). Este mesmo autor afirma que existe um aumento do risco de contrair IST entre a população jovem, pois entre eles existe uma alternância maior de parceiros.

De acordo com Bezerra et al. (2015) as culturas exercem influências sobre as relações de gênero, as quais muitas vezes os casais estão vinculados ao amor e ao compromisso. Neste sentido, um relacionamento estável baseado no amor e na confiança dificulta a utilização e negociação do preservativo com seu parceiro sexual.

Diante do exposto, cabe, portanto, considerar a necessidade de realizar ações educativas no contexto universitário sobre as possibilidades e formas de negociação do uso do preservativo. Atividades que despertem a autoestima do jovem e o torne mais empoderado para o processo decisório, bem como a aquisição de habilidades de como se posicionar diante da necessidade de negociação da camisinha.

O jovem adota com frequência pensamento de que nada poderá acontecer, ou seja, o pensamento mágico, não estabelecendo de modo consciente o vínculo entre a relação sexual e a vulnerabilidade a qual está exposto, não compreendendo, portanto, a necessidade de se proteger. Em geral, o jovem conhece a existência de métodos preventivos, mas apresenta resistência em utilizar (OLIVEIRA et al., 2009).

A multiplicidade de parceiros e os encontros amorosos casuais e precoces, que se intensificaram cada vez mais com a revolução tecnológica e uso de aplicativos de relacionamento, são comportamentos que atrelados a negligência do uso de preservativo também contribuem para o risco de adquirir uma IST. Não conhecer o parceiro e a não adoção de práticas sexuais seguras contribuem para a aquisição de infecções transmitidas pela via sexual.

De acordo com Pinto et al. (2018) vários motivos contribuem para a propagação de IST, as quais destacam o início precoce da vida sexual, o não uso de preservativo, e os parceiros eventuais são condições que potencializam tais eventos.

Segundo Neves et al. (2017), a multiplicidade de parceiros e o não uso do preservativo nas relações sexuais estão em uma escala proximal para aquisição de IST, em contrapartida o álcool, uso de drogas e o fumo estão em um nível mais distal em escala de proximidade, entretanto podem ser a porta de entrada para o comportamento de risco contribuindo para o abandono do preservativo, o elevado número de parceiros e possíveis aquisições de IST. Cumpre destacar o elevado número de jovens que referiram neste estudo ingerir bebidas alcóolicas (60,8%).

Considera-se também o elevado número de jovens que referiram não praticar sexo seguro mesmo com parceiros casuais. A relação sexual com parceiros casuais realizada de forma desprotegida e sem as devidas informações, somada ao uso de drogas lícitas e ilícitas, se constitui em comportamentos que tornam os jovens vulneráveis durante as práticas sexuais. Portanto é necessário que esses jovens possuam as devidas informações e estejam preparados para práticas sexuais mais seguras.

Segundo Francisco et al. (2016), os homens carregam consigo com maior frequência o preservativo, porém concordam que o uso preservativo atrapalha durante a relação sexual, o que muitas vezes favorece a negligência do uso, sendo mais impulsivos e adotam comportamento de risco para não perder a relação sexual. Em contrapartida as mulheres possuem um comportamento mais vulnerável devido a submissão de gênero.

## **CONCLUSÃO**

Após análise dos resultados, observa-se que os jovens universitários se encontram vulneráveis à exposição às IST, uma vez que o comportamento analisado apresenta diversos pontos de atenção com relação ao risco aos quais se expõem.

É possível inferir que apesar dos jovens conhecerem e terem acesso ao preservativo, a utilização do mesmo não é eficaz ou, muitas vezes, é negligenciada, fato este que sugere que distribuição do preservativo associada a educação em saúde pode se apresentar como ação mais efetiva no estímulo à prevenção.

Neste sentido, é de extrema importância que a família, as universidades e os profissionais de saúde se façam presentes, constituindo um elo de conhecimentos, transmitindo informações fundamentais, livre de estigmas, tabus e esclarecendo as dúvidas pertinentes para adoção de práticas sexuais seguras, favorecendo assim a

expressão da sexualidade de forma consciente entre os jovens universitários.

Como encontrado em outros estudos, o achado desta pesquisa reforça que a vivência de um relacionamento estável, a confiança no parceiro, o pensamento mágico – a falsa ideia de invulnerabilidade, a percepção de diminuição do prazer e, por fim, a associação do preservativo como elemento para prevenção da gravidez são fatores que favorecem a negligência do uso de preservativo e, conseqüentemente, a uma possível exposição dos jovens, precoce ou tardiamente, a uma IST.

Foi possível verificar que uma parcela importante dos jovens estudados não utiliza, ou utiliza de forma irregular o preservativo, demonstrando descuido consigo mesmo e com o outro, associado a falta de conscientização sobre as ações de prevenção e autocuidado. Outro aspecto importante se refere a dificuldade de negociação do uso do preservativo com o parceiro, onde observa-se que 34,4% dos jovens responderam que continuaria a relação sexual caso o parceiro não quisesse usar preservativo.

Um ponto conclusivo refere-se ao número de parceiros, uma vez que foi possível identificar que 11,4% dos estudantes universitários tiveram mais de cinco parceiros casuais no último ano, e 37,7% tiveram relações casuais no último ano.

Os jovens universitários estudados, apesar de fazer parte de um curso voltado para área da saúde, possuem comportamentos e prática sexuais propensas à riscos. A partir dos dados analisados identifica-se a necessidade de maiores ações no contexto universitário. Considera-se, portanto, a importância de ações educativas periódicas e de conscientização dos jovens sobre prevenção no ambiente universitário, uma vez que se trata de um espaço de intensa socialização, estabelecimento de relações, troca e interação.

Sugere-se, portanto, estratégias a serem implementadas nas universidades, relacionadas à educação sexual de jovens, a fim de proporcionar maior capacidade de tomada de decisão e escolhas saudáveis, quais sejam: Realização periódica de campanhas educativas associadas à distribuição de preservativo; Espaços para discussão sobre sexualidade, IST e gravidez na precoce no ambiente universitário; Inclusão de conteúdos relativos à sexualidade e prevenção de forma transversal no processo de formação de jovens; Articulação com serviço de saúde para realização de atividades educativas; Realização de oficinas sobre a temática, que proporcione ao jovem esclarecimento de dúvidas e anseios, maiores conhecimentos e capacidade de tomada de decisão consciente.

Por fim, espera-se que este estudo possa contribuir para a ampliar a discussão sobre o tema no cenário estudado e em outros contextos universitários. Objetiva-se fomentar ações preventivas por parte dos grupos sociais que convivem nestes ambientes, além da expansão para os outros ambientes aos quais estes grupos se incluem, formando uma rede de prevenção e comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, R.H.D. et al. Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. **Revista Escola Enfermagem USP**. São Paulo.v.46, n.4, p.829-37. 2012.Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n4/07.pdf>>.

BEZERRA, E. O. et al. Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 84-91. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rngenf/v36n1/pt\\_1983-1447-rngenf-36-01-00084.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rngenf/v36n1/pt_1983-1447-rngenf-36-01-00084.pdf)> .

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para Atenção Integral à Saúde de Adolescentes na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 132p.  
Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_atencao\\_saude\\_adolescentes\\_jovens\\_promocao\\_saude.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf)&gt;.

BRASIL, **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.  
Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaids-201>.

BRASIL, **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.  
Disponível em:  
<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018>.

CHAVES, A. C. P. et al. Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.67, n.1, p. 48-53. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v67n1/0034-7167-reben-67-01-0048.pdf> .

COSTA, A. C. P. J. et al. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz – Maranhão. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Maranhão, v.34, n.3, p. 179-186. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rngenf/v34n3/a23v34n3.pdf>.

FONTES, V. R. F. da et al. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p. 1-7. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/ean/v22n2/pt\\_1414-8145-ean-22-02-e20170318.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ean/v22n2/pt_1414-8145-ean-22-02-e20170318.pdf).

FRANCISCO, M. T. R. et al. O uso do preservativo entre os participantes do carnaval- perspectiva de gênero. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p. 106-113. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452016000100106&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452016000100106&script=sci_abstract&lng=pt).

LUNA, I. T. et al. Ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes vulneráveis às dst/aids. **Ciencia y Enfermería**, Concepción- Chile, v.18, n.1, p.43-55. 2012b. Disponível em: <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0717-95532012000100005](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532012000100005) > . Acesso em 24 mar 2018.

NEVES, R. G. et al. Simultaneidade de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes brasileiros, 2012. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 443-454. 2017. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?lng=pt&pid=S167949742017000300443&script=sci\\_abstr](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?lng=pt&pid=S167949742017000300443&script=sci_abstr)

OLIVEIRA, P. S. et al. Vulnerabilidade de adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis na atenção primária. **Revista Enfermagem UFPE online**, Recife, v.12, n.3, p.753-762. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/25063/28042> .

OLIVEIRA, D. C. de. et al. Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, **Escola Anna Nery**, v. 13, n. 4, p. 833-841. 2009. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452009000400020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000400020) >. Acesso em: 25 fev 2018.

PEREIRA, B. S. et al. Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentee adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p. 746-758. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n3/1413-8123-csc-19-03-00747..>

PINTO, V. M. et al . Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 2423-2432. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n7/1413-8123-csc-23-07-2423.pdf>>. Acesso em: 10 de out 2018.

REIS, R. K.; MELO, E. S; GIR, E. Fatores associados ao uso inconsistente do preservativo entre pessoas vivendo com HIV/Aids. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 1, p. 47-53, 2016 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672016000100047&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000100047&lng=en&nrm=iso).

SANTOS, C. P. et al. Adesão ao uso do preservativo masculino por adolescentes escolares. **Revista Brasileira Pesquisa e Saúde**. Vitória, v. 18, n.2, p.60-70. 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/view/15085>.